

## O CURSO DE PEDAGOGIA DA UFT/ARRAIAS SOB A ÓTICA NÔMADA DE GREGÓRIO BAREMBLITT: AUTOANÁLISE E AUTOGESTÃO

### *THE PEDAGOGY COURSE AT UFT/ARRAIAS FROM THE NOMADIC PERSPECTIVE OF GREGÓRIO BAREMBLITT: SELF-ANALYSIS AND SELF-MANAGEMENT*

Eduardo de Freitas Bernardes<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Uberlândia

#### RESUMO

A expansão das Universidades Federais tem sido tratada como um forte fenômeno de ajuste, regulação e correção das desigualdades sociais no Brasil. A instalação de cursos estratégicos fora dos grandes centros urbanos tem sido vista com bastante resistência por parte de setores hegemônicos na sociedade. O presente trabalho visa entender a dinâmica do curso de Pedagogia da UFT, campus Arraias, a partir da experiência docente do autor, no período em que lecionou nesta instituição, utilizando para isso o suporte teórico de Gregório Barenblitt. A partir dos conceitos de autoanálise, autogestão, transversalidade, atravessamento e potência produtiva, este trabalho analisou parcialmente o curso de Pedagogia desta instituição, de acordo com a perspectiva de Barenblitt e apontou desafios e perspectivas para a sua (re)estruturação para os próximos anos.

**Palavras-chave:** Atravessamento, Autoanálise, Autogestão, Potência produtiva, Transversalidade.

#### ABSTRACT

The expansion of Federal Universities has been treated as a strong phenomenon of adjustment, regulation and correction of social inequalities in Brazil. The establishment of strategic courses outside the major urban centres has been met with considerable resistance from hegemonic sectors in society. This work aims to understand the dynamics of the Pedagogy course at UFT, Arraias campus, based on the author's teaching experience during his time at this institution, using the theoretical support of Gregório Barenblitt. Based on the concepts of self-analysis, self-management, transversality, crossing and productive power, this work partially analysed the Pedagogy course at this institution from Barenblitt's perspective and pointed out challenges and prospects for its (re)structuring in the coming Years

**Keywords:** Crossing, Self-analysis, Self-management, Productive power, Transversality

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências (USP) e Docente da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), campus Pontal.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5364007203395834> Email: [bernardes76@ufu.br](mailto:bernardes76@ufu.br)

## INTRODUÇÃO

A expansão das Universidades Federais nos últimos anos, tem sido um dos principais objetivos das políticas de inclusão, especialmente com a implementação do sistema de cotas raciais, que têm por intuito corrigir desigualdades socioeconômicas históricas, que impossibilitaram o acesso, sobretudo da população negra, ao ambiente universitário. Neste contexto, a presença de um campus da Universidade Federal do Tocantins (UFT) na cidade de Arraias, cidade que fica a, aproximadamente, 420km da capital (Palmas), visou atender as necessidades da região do nordeste goiano e sudeste tocantinense, cuja região é marcada pela histórica negligência institucional e instrucional imposta aos seus habitantes.

A simples inserção de um campus universitário em uma área marcada pela negligência com sua população já seria, por si só, um demarcador de progresso da região (Valadão, 2018). No entanto, o seu processo de criação passou por momentos turbulentos, devido à grande resistência em sua instalação em uma região marcada pelo coronelismo e a escravidão, o que abriu margem ao desenvolvimento do que pode ser considerado um “fascismo à brasileira”, excluindo a população local da aquisição de direitos (Sodré, 2023).

Seguindo o raciocínio de Muniz Sodré (2023), podemos considerar que a instalação do campus chocou com os interesses dos defensores do modelo da “racial democracia” brasileira: *“descontínua e qualitativamente diferente da discriminação na sociedade imperial escravista, mas responsável pela dinâmica subjacente à exclusão social ou pelo sentido de senhorialidade anacrônica, baseada em aparências residuais do caos teórico da ideia de raça. Um fenômeno ‘fuzzy’, análogo ao fascismo, assim caracterizado por Umberto Eco – portanto, o fascismo da cor” (p.173).* Assim, toda tentativa de combater o modelo citado, faz com que a presença negra no espaço universitário tenha o potencial de promover mudanças, não apenas nas práticas pedagógicas, mas também em toda a Instituição, criando um espaço de amadurecimento intelectual, desenvolvimento social, resistência ao racismo e valorização da diversidade.

A partir disso, faz-se necessário estabelecer alguns pontos de reflexão que façam elucidar questões sobre como um curso universitário na cidade de Arraias, mais especificamente, o curso de Pedagogia, pode fazer com que seus alunos se tornem cada vez mais críticos, independentes e autônomos, promovendo assim, o desenvolvimento de sua população. Faz-se necessário também, uma reflexão posterior sobre os espaços sócio-ocupacionais e os possíveis impasses na atuação profissional do pedagogo, considerando a dimensão político-institucional, e que permita a devida análise institucional da função do

pedagogo e o devido questionamento acerca da produção dos saberes, bem como alternativas para uma boa prática profissional.

Este artigo faz uma análise exploratória que pretende estabelecer uma reflexão sobre o curso de Pedagogia do campus de Arraías, trazendo conceitos desenvolvidos pelo psicólogo e psiquiatra Gregório Baremblytt (1936-2021). Conceitos como *potência produtiva*, *autoanálise* e *autogestão* entre outros, se tornam fundamentais para a compreensão de como pode ser analisada uma instituição, moldada a dinâmica acadêmica, provocando transformações tanto no pensamento crítico de seus membros quanto nas práticas pedagógicas, tornando a Educação ainda mais inclusiva.

A UFT, campus Arraías, localiza-se em uma região marcada pela diversidade étnica e social, o que torna o debate sobre identidade, raça e inclusão particularmente importante. Assim sendo, esta análise se torna relevante para que possamos entender como os estudantes, ao refletirem criticamente sobre sua posição na universidade e se organizarem coletivamente, podem gerar transformações significativas no ambiente acadêmico e, quem sabe, fora dele.

## A TEORIA DE GREGÓRIO BAREMBLYTT

A teoria do psicólogo e psiquiatra argentino Gregório Baremblytt (1936-2021) trouxe profundas contribuições para diversas áreas do conhecimento, através de sua Análise Institucional, uma abordagem que tem como objetivo a transformação das instituições a partir das práticas e discursos dos seus sujeitos. Baremblytt traz à tona alguns termos essenciais para o entendimento sobre como funcionam algumas instituições, bem como os seus mecanismos de criação, análise, desenvolvimento, geração de demanda, potenciação, destruição, entre outros. Estes conceitos podem auxiliar, inclusive, no entendimento da presença e consequência de um curso de Ensino Superior em um espaço marcado pela opressão e negligência imposta aos seus habitantes.

## CARACTERÍSTICAS DO CURSO DE PEDAGOGIA

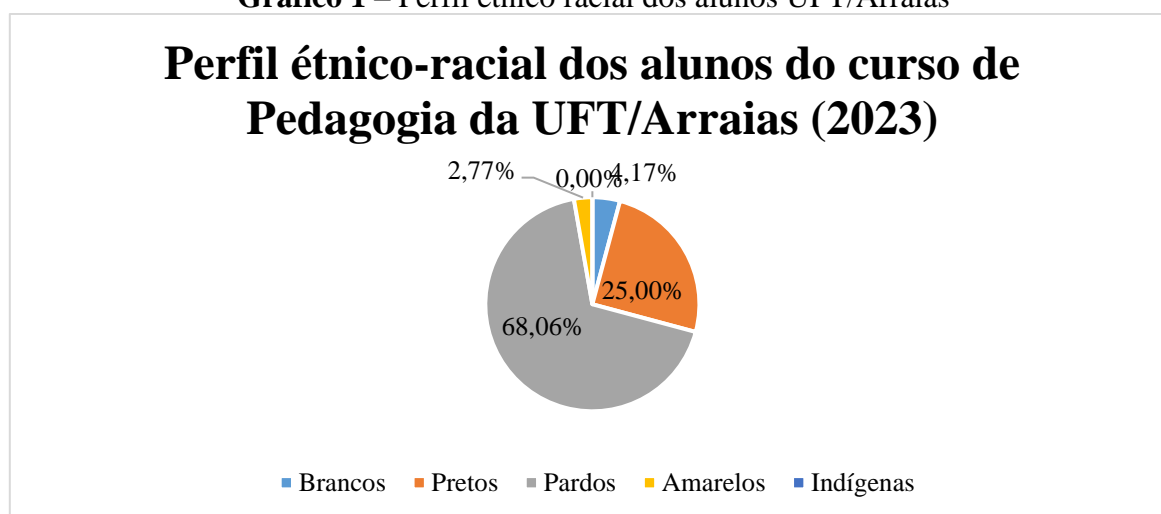
Neste contexto, pode se fazer a análise de cursos universitários que possam trazer desenvolvimento para a região através de suas práticas específicas, como por exemplo, o curso de Pedagogia, que se insere em um contexto acadêmico e social bastante complexo. Nele, as

questões acerca da diversidade racial, cultura, identidade e transformação social estão fortemente entrelaçadas.

Neste contexto, surge a análise do curso também a partir de minha experiência pessoal como docente no curso de Pedagogia (campus de Arraias), entre os anos de 2019 e 2021 - incluindo aí, o período da Pandemia de Covid-19. Muitos ensinamentos e reflexões puderam ser feitos ao longo deste período. Ao longo de minha graduação em Psicologia, os ensinamentos de Gregório Baremlitt foram essenciais para se entender o funcionamento de algumas instituições o que, obviamente, auxiliou no entendimento sobre como o curso de Pedagogia funciona (segundo esta perspectiva) e o que fazer para que pensar iniciativas que auxiliem o curso em seu desenvolvimento e evolução.

O campus tem como uma forte característica a presença da população negra, que é reflexo da composição de sua população. Especificamente em relação ao curso de Pedagogia, há uma forte presença feminina, que compõe 76,43% dos alunos matriculados (PROGRAD, 2024) e também de estudantes negros e pardos – compondo 93,06% dos alunos ingressantes em 2023, como mostra o gráfico 1, ressaltando que este percentual não é significativamente diferente em relação aos anos anteriores, desde a criação do curso. Tais dados trazem uma marca indelével ao curso (e também ao campus), altamente beneficiado tanto pelo plano de expansão das Universidades Federais quanto pela Lei 12.711/2012, conhecida como Lei de Cotas, que facilitou o acesso da população negra/parda às Instituições de Ensino Superior brasileiras.

**Gráfico 1 – Perfil étnico racial dos alunos UFT/Arraias**



**Fonte:** elaborado com base nos dados do Diretório de Grupos de Pesquisas (DGP) do CNPq (2024). Gráfico elaborado pelo autor.

Dados no INEP ainda mostram que o curso de Pedagogia é o que mais possui alunos matriculados (gráfico 2), evidenciando a formação de profissionais da Educação em larga escala. Este dado, entretanto, não se reflete em algumas regiões, onde a defasagem de profissionais parece ser elevada, por razões que não serão exploradas neste trabalho. Apesar da alta demanda, são muitos os motivos que fazem com que os estudantes abandonem o curso e, muitos deles já são bastante conhecidos, como falta de perspectiva, baixos salários e péssimas condições de trabalho. Vale ressaltar aqui o fato de que, por mais que haja falta de incentivo (estatal e privado), a presença destes cursos estratégicos em regiões desfavorecidas se torna fundamental, uma vez que o desenvolvimento socioeconômico da região depende, dentre outros fatores, do potencial acadêmico dos habitantes desta região, bem como a capacidade de articulação entre a Universidade e a comunidade, entre outros fatores.

**Gráfico 2** – Lista dos 10 maiores cursos em número de ingressantes e concluintes no Brasil (2023)



**Fonte:** Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Power BI (2023).

A consequência direta da presença desta Universidade (e curso) é a criação, por exemplo, de espaços de reflexão e resistência, fortemente demarcada pelos projetos de extensão (gráfico 2), visando a interação entre academia e comunidade, e a criação de grupos acadêmicos cada vez mais preocupados e engajados na construção de uma Educação mais inclusiva.

Repensar em um lugar que, ao mesmo que têm características extremamente potencializadoras, como as riquíssimas trocas de experiências e saberes compartilhados, guarda também certa impotência, na medida em que sofre diretamente as consequências de estar inserido em um lugar historicamente oprimido e negligenciado e que, por conta disso, ainda não consegue se firmar como um lugar que proporcione de fato o desenvolvimento ideal de sua população.

Barembliitt (2002), cuja teoria serve de base para o desenvolvimento deste trabalho, fala de um “movimento institucionalista”, que é um conjunto de teorias, experiências e práticas que estimulam a criação de experiências coletivas capazes de proporcionaram o desenvolvimento de novos saberes, para além daqueles classicamente institucionalizados. Além disso, traça um paralelo entre os conceitos de “*instituído*” e “*instituinte*”, entendendo o primeiro como um conjunto de elementos que possui função estática/estabilizante, essencial para o andamento da vida social e o segundo como um conjunto de elementos que transmitem uma característica dinâmica, inovadora e, até certo ponto, transgressora.

O curso de Pedagogia deve assumir, portanto, uma missão hercúlea, composta por uma quantidade considerável de tarefas: transformar a perspectiva dos alunos (com vasto histórico de opressão e negligência econômica/instrucional) de forma a torna-la mais positiva, lidar com o saber instituído, utilizando-o como ponto de partida para questionar e desenvolver novos saberes, resgatar uma juventude marcada pelo pensamento extremamente pessimista, onde parte dos alunos escolhem o curso não como uma vocação, mas simplesmente, como uma falta de alternativas mais atraentes, como foi relatado várias vezes em sala de aula.

Neste contexto, uma característica que também pode estar presente é a ideia do *atravessamento* defendida por Foucault (1987), de aspecto “negativo” e que perpassa a instituição, onde uma escola não se difere de uma fábrica, ou de uma prisão – o que, de qualquer forma, descaracteriza o seu intuito primeiro, de formação de cidadãos capazes de promover tanto o autodesenvolvimento quanto o desenvolvimento e progresso de suas comunidades. A escola, para além de um estabelecimento de alfabetização/ensino, pode ser vista como uma fábrica onde se constrói e consolida o saber vigente para uma força de trabalho (alienada). Pode ser considerada como um cárcere na medida em que, visando a obediência através de um mecanismo de prêmios e punições, instrui (ou “adestra”) alunos confinados por um período médio de seis horas diárias. E também pode ser considerada como um quartel, onde se trabalha a agressividade de forma socialmente aceitável. Tudo isso a depender do jogo de interesses ao quais os seus membros estão subordinados, tanto ideológica quanto burocraticamente.

Todos estes atravessamentos fazem, por exemplo, com que o aluno seja moldado visando apenas a reprodução de um conhecimento estático, engessado, conservador e a serviço das classes dominantes, impossibilitando uma práxis pedagógica eficaz que, na visão de Paulo Freire, deveria ter um caráter libertador, mediada “pela dialogicidade como método e pela horizontalidade como ontologia” (Correia & Bonfim, 2008).

Especificamente ao campus de Arraías, devemos estar atentos aos vários tipos de atravessamentos pelos quais passa a instituição e estabelecer mecanismos de resolução, como será exposto adiante. Ao contrário do processo meramente representacional do atravessamento, surge o importante conceito de *transversalidade*, como uma alternativa para a produção de um saber mais independente. Nas palavras de Baremblytt:

A interpenetração ao nível da função, da reprodução, como já vimos, chama-se atravessamento. A interpenetração a nível instituinte, produtivo, chama-se transversalidade, e esta se define também como uma dimensão da vida social e organizacional que não se reduz à ordem hierárquica da verticalidade nem à ordem informal da horizontalidade. Os efeitos da transversalidade caracterizam-se por criar dispositivos que não respeitam os limites das unidades organizacionais formalmente constituídas, gerando assim movimentos e montagens alternativos, marginais e até clandestinos às estruturas oficiais e consagradas (p. 34).

O “movimento institucionalista” define uma série de teorias, práticas e experiências que possuem como princípio os conceitos de *autogestão* e *autoanálise*. Estes conceitos têm por objetivo estimular as experiências coletivas criadoras de novos saberes (BAREMBLYTT, 1992, Correia, 2007).

A *autoanálise*, dentro do contexto acadêmico, envolve a reflexão crítica dos estudantes, professores e demais membros sobre suas próprias posições dentro da universidade, as melhorias já alcançadas e as barreiras estruturais que enfrentam, enquanto a *autogestão* se refere à capacidade desses mesmos membros de se organizarem coletivamente para agir, defender seus direitos e promover transformações no interior da instituição. Envolve também a capacidade dos sujeitos de refletirem criticamente sobre sua posição (e quem realmente são) dentro da instituição e sobre as dinâmicas de poder que os afetam.

Conforme esta teoria, em um processo de autoanálise institucional dentro da universidade, seus membros devem estar constantemente se analisando em relação às estruturas institucionais, questionando as práticas pedagógicas e as relações de poder que sustentam a exclusão e a marginalização racial, por exemplo.

“A auto-análise consiste em que as comunidades mesmas, como protagonistas de seus problemas, necessidades, interesses, desejos e demandas, possam enunciar, compreender, adquirir ou readquirir um pensamento e um vocabulário próprio que lhes permita saber acerca de sua vida, ou seja: não se trata de que alguém venha de fora ou de cima para dizer-lhes quem são, o que podem, o que sabem, o que devem pedir e o que podem ou não conseguir. (Baremblytt, 1998, p.17)”



Este tipo de autoanálise pode permitir, por exemplo, que os estudantes negros, sejam eles atuantes politicamente ou não, reflitam sobre suas experiências na universidade, especialmente em relação ao racismo institucional e à exclusão racial. A análise crítica sobre as práticas pedagógicas e as dinâmicas sociais dentro do curso de Pedagogia da UFT Arraias (e, porque não, em todos os cursos do campus), torna-se essencial para identificar as barreiras que os estudantes, sobretudo os estudantes negros, enfrentam e as formas de superá-las. A autoanálise também pode envolver a construção da identidade negra no contexto acadêmico fazendo com que reflitam sobre: como os estudantes negros se percebem e são percebidos no ambiente universitário? Quais as estratégias de resistência que eles utilizam para afirmar sua identidade e lutar contra o racismo? Como a Pedagogia (alunos e docentes) pode contribuir para a resolução ou manutenção do problema? Quais os mecanismos ideológicos da Pedagogia que contribuem para o desenvolvimento dos saberes, sejam eles instituídos ou instituintes? Quem fomenta o *status quo* opressor e quem promove a mudança e fomenta a autonomia dentro do movimento pedagógico? São vários os questionamentos que devem surgir a partir deste movimento, que pode romper com o racionalismo acadêmico disciplinar vigente, socialmente asséptico, que por vezes se exime da tarefa de criticar o vínculo entre a interpretação e a práxis, por exemplo (Sodré, 2023).

Já a autogestão envolve a organização coletiva dos seus membros para transformar as condições em que vivem, especialmente dentro da universidade. Em um contexto acadêmico, a autogestão pode se manifestar através da formação de grupos de apoio, com forte formação e com vastos recursos técnicos, na organização de eventos e no engajamento em ações que visam transformar as práticas pedagógicas, ampliar a representatividade (principalmente negra) no corpo docente e promover uma educação mais inclusiva.

“(...) na medida em que essa organização é consequência e, ao mesmo tempo, um movimento paralelo com a compreensão dada pela auto-análise, ela também não é feita de cima para baixo, nem de fora, mas elaborada no próprio seio heterogêneo do coletivo interessado. Essa auto-análise e essa autogestão não significam necessariamente que os coletivos devam prescindir por completo dos experts porque, sem dúvida, com sua disciplina e seus instrumentos, eles têm acumulada uma quantidade de conhecimento importante e não inteiramente alienado, não necessariamente distorcido, ou seja: produtivo. (Baremblytt, 1998, p.17)”.

Estes processos são articulados e simultâneos, e que em um primeiro momento, dependem da qualidade técnica e analítica de seus profissionais (*experts*, nas palavras de Baremblytt) para que os efeitos tanto na instituição quanto na comunidade possam ser sentidos.



Com sua metodologia, instrumentos e seus saberes acumulados, eles possuem uma quantidade enorme de recursos e um nível de conhecimento substancial e importante, não inteiramente alienado e não necessariamente distorcido, ou seja: produtivo.

## **A POTÊNCIA PRODUTIVA DOS ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFT CAMPUS ARRAIAS**

Como produto de uma autoanálise e autogestão bem gerenciados, temos o que foi conceituado por Barembliitt como “*potência produtiva*”, que se refere à capacidade de um grupo ou indivíduo de gerar transformações no ambiente em que está inserido, a partir do processo interativo entre os saberes compartilhados por aqueles que detém o conhecimento mais elaborado (*experts*) e a comunidade. Já dentro de um contexto acadêmico, refere-se à capacidade dos estudantes de gerar mudanças, produzir novos conhecimentos e práticas dentro do ambiente acadêmico, refletindo sua atuação ativa na transformação do espaço universitário, como um resultado do processo de autoanálise e autogestão, direcionando a atividade acadêmica para fins mais potencializadores.

Neste sentido, podemos questionar o quanto poderíamos realizar uma autoanálise e uma autogestão que, mesmo que não traga a curto/médio prazo a autossuficiência necessária ao curso (e à instituição), sirva de base para uma autonomia “intelectual” de seus membros (discentes, docentes e técnicos), uma vez que, do ponto de vista dos recursos financeiros, ainda há uma dependência do campus central (em Palmas) como entidade superior.

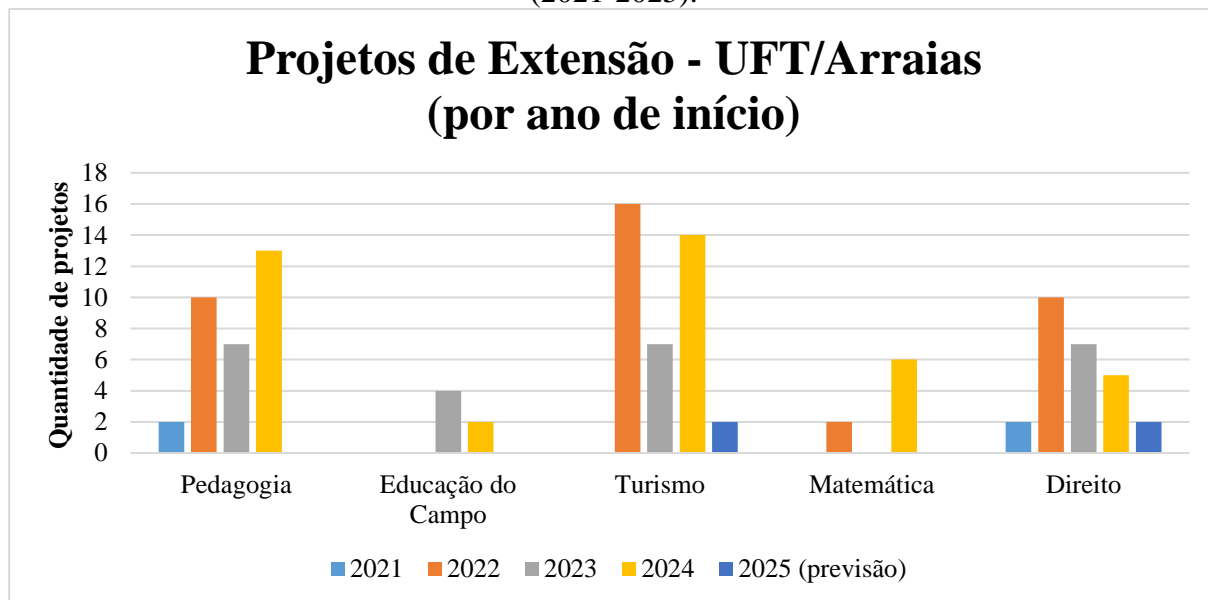
Um campus que deve possuir características “revolucionárias”, uma vez que abarca uma população universitária majoritariamente negra, mas, é atravessada por processos interventivos caracterizados pelo racismo institucional (Sodré, 2023), desde o momento de sua concepção/implementação, e que pode tornar cada vez mais inviável o desenvolvimento estrutural da instituição. Necessariamente, um campus que deve lidar, exaustivamente, com as relações étnico-raciais e atentar para os efeitos da ideologia da supremacia racial branca, bem como os efeitos da colonização ideológica que solapou a população negra ao longo de décadas (Sodré, 2023; Nogueira, 2021). Apenas por meio do aumento de uma diversidade altamente crítica, questionadora e incisiva na comunidade, a sociedade (e também a academia) poderá ser considerada verdadeiramente democrática, cidadã e diversa:

“Para muitos, o Brasil não é um país preconceituoso e racista, sendo as violências sofridas pelos negros e não brancos, em geral, apenas uma questão econômica ou de classe social, que nada tem a ver com os mitos de superioridades e de inferioridade

racial. Nesse sentido, os negros, indígenas e outros, não brancos, são discriminados porque são pobres. Em outros termos, negros, brancos e pobres, negros e brancos da classe média, negros e brancos ricos (não sei quantos negros ricos tem nessa sociedade), não se discriminam entre si, tendo em vista que eles pertencem todos à mesma classe social. Uma bela mentira (Munanga, 2004)”.

No contexto do curso de Pedagogia da UFT, a potência produtiva pode ser vista nas atividades de extensão universitária, onde a criação de novas formas de conhecimento, práticas pedagógicas e espaços de resistência são realizadas diretamente na comunidade. Tal manifestação pode ser observada em alguns indicadores (gráfico 3), que mostram a forte interação entre o curso de Pedagogia e a comunidade, bem como abre perspectivas para futuras intervenções.

**Gráfico 3** – Quantitativo dos projetos de Extensão Universitária da UFT, campus Arraias (2021-2025).



**Fonte:** Gestão de Projetos Universitários – Prograd/UFT (2024). Gráfico elaborado pelo autor.

O potencial produtivo do curso de Pedagogia pode ser aferido pela capacidade de Produção de Conhecimento, bem como das Práticas Pedagógicas Inovadoras, ambas destacadas pelas ações de Extensão, citadas anteriormente. O curso de Pedagogia tem, neste sentido, se destacado ao longo dos anos pela forte interação com a comunidade, a despeito da forte resistência inicial marcada principalmente pelo processo interativo assimétrico entre os saberes, onde a comunidade não via o retorno do processo interativo com os estudantes. No entanto, a presença de estudantes negros no curso de Pedagogia da UFT Arraias, tem cada vez mais gerado uma nova produção de conhecimento, com laços fortes e diretos com a comunidade,

especialmente no que se refere à inclusão da história e cultura afro-brasileira no currículo, à discussão sobre o racismo e a construção de uma educação antirracista (Dorneles, 2019).

A produção de conhecimento, no entanto, não deve se limitar ao ensino tradicional, instituído, mas esta deve ser a porta de entrada para posteriores ações instituintes, críticas e reflexivas, capazes de criar e aprimorar novos conhecimentos na área de Educação, com efeitos imediatos na Universidade e na população, proporcionando um ambiente acadêmico mais potente, inclusivo e reflexivo (Nogueira, 2021). Necessária esta metodologia, uma vez que as instituições acadêmicas brasileiras parecem estar eivadas de uma assimetria do conhecimento onde, cria-se uma legião de especialistas (experts), que absorve o conhecimento e saberes de uma determinada comunidade e, no entanto, não é capaz de (ou não se sente disposta a) reverter este mesmo conhecimento em benefício da comunidade de onde este saber foi retirado, processado e transformado em um “produto” que potencialmente a beneficiaria.

Com isso, o produto deste conhecimento visa favorecer apenas as classes dominantes, que (re)afirmam o seu poder através da quantidade de conhecimento adquirida e administrada, bem como prejudica/inviabiliza o desenvolvimento das comunidades menos favorecidas. Tal situação deve ser evitada para que o curso de Pedagogia não seja apenas um espaço para a educação, meramente reprodutora, tecnicista e alienante.

Os construtos de potência produtiva, autoanálise e autogestão idealizados por Baremblitt oferecem um caminho para superar essas barreiras. A organização coletiva e a reflexão crítica têm o potencial de transformação institucional, capazes de fazer do curso de Pedagogia da UFT, campus Arraias, um espaço de aprendizado ainda mais inclusivo, onde a diversidade racial seja respeitada e valorizada.

Os processos de autogestão puderam ser observados na organização de movimentos estudantis, como grupos de estudo, coletivos negros e associações de estudantes, que buscam promover uma educação mais inclusiva e transformar as condições de ensino na UFT. Esses movimentos são fundamentais para garantir que a voz dos estudantes negros seja ouvida e para pressionar a universidade a adotar políticas afirmativas mais eficazes.

A autogestão também se manifesta na modificação das práticas pedagógicas, com a inclusão de conteúdos que abordem as questões raciais, a história afro-brasileira e as epistemologias negras. A participação ativa dos estudantes na gestão do curso e nas discussões pedagógicas é uma forma de promover mudanças significativas na formação de futuros educadores.

## DESAFIOS

Além de discussões que visem um maior desenvolvimento da produção acadêmica, na medida do possível, os estudantes negros criariam (além dos que já existem) mais espaços de resistência e valorização da cultura negra, como eventos culturais, rodas de conversa e grupos de estudo, com leitura exaustiva de autores que tratem de temas que lhes dizem respeito, sejam de vertente eurocêntrica ou não – uma vez que, para o desenvolvimento do senso crítico, é importante saber lidar com saberes contraditórios. Esses espaços são fundamentais para a criação de uma educação mais inclusiva, que valorize o debate de ideias, a diversidade racial e combata as desigualdades tanto dentro quanto fora do ambiente acadêmico.

Apesar dos avanços, os estudantes negros ainda enfrentam barreiras estruturais e resistências institucionais dentro da universidade. Em relação aos programas de Pós-graduação o campus possui: Programas de Pós-graduação em Música, Cultura e Sociedade e Especialização em Educação do Campo - Práticas Pedagógicas (*lato sensu*); além dos Programa de Mestrado Profissional em Matemática (ProfMat) e o Programa de Pós-graduação em Educação Matemática no Tocantins (PPGEMaT - *stricto sensu*) não havendo, até o momento, nenhum programa de Pós-graduação criado e desenvolvido dentro do curso de Pedagogia onde se possa trabalhar conteúdos pertinentes à temática discutida aqui. (Prograd/UFT, 2024).

Atualmente o curso de Pedagogia conta com docentes atuando como líderes em dois grupos de pesquisa ativos e cadastrados junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq): o Grupo de Estudos e Pesquisas Educação, Estado e Políticas Públicas em Educação - GEPPE; e o Grupo de Pesquisa em Educação e Formação de Professores - GEEFP (CNPq, 2024). No Sistema GPU (Gestão de Projetos Universitários) da UFT, não foram encontrados projetos de pesquisa cadastrados (Propesq/UFT, 2024). Existe a possibilidade de grupos de pesquisa não vinculados junto aos Órgãos oficiais de fomento que não foram mencionados aqui.

A (quase) ausência de pesquisadores negros no cenário da pesquisa brasileira, preferencialmente com pensamento afrocentrado mas, sem perder de vista o que se passa dentro da ideologia eurocêntrica vigente, passa a ser um desafio a mais, tanto para o entendimento de si mesmo e dos grupos aos quais fazem parte, quanto para o entendimento destes grupos no mundo que ainda se encontra em forte segmentação racial, principalmente no campo do conhecimento. O fortalecimento da consciência racial e de classe passam a ser elementos fundamentais para que estes pesquisadores entendam o seu lugar no mundo e o que lhes é de

direito, dentro e fora da academia, podendo facilitar assim, a conscientização da comunidade onde estão inseridos, bem como da sociedade. E na área de Educação, esta é uma questão ainda mais urgente.

Neste sentido, a criação de grupos de pesquisa que analisem com afinco a realidade da comunidade e façam prognósticos minimamente seguros para o desenvolvimento da região se faz extremamente importante, na medida em que os dados a serem encontrados nestas comunidades (bem como a forma como estas fazem Ciência), ajudarão os pesquisadores a se desenvolverem e obterem maiores e melhores informações sobre os grupos aos quais pertencem, servindo também como um recurso importante para a luta contra o racismo institucional, o saber vigente de viés segregacionista/opressor e a falta de representatividade no corpo docente – que são desafios que ainda precisam ser superados para garantir a permanência e o sucesso dos estudantes, sobretudo os estudantes negros, no ensino superior. Enquanto este desenvolvimento não acontece, as atividades extensionistas se tornam essenciais e de grande serventia, sendo um ponto de partida importante para o desenvolvimento do curso na região (Pereira, 2007).

O constante movimento de desvalorização da Educação e, principalmente, das Universidades Federais, associado aos dados alarmantes referentes à evasão universitária – principalmente após a pandemia de Covid-19 – e ao possível déficit de professores projetado para os próximos quinze anos (SEMESP, 2022), ressaltam ainda mais a importância da implementação de cursos de licenciatura e, principalmente, de Pedagogia nas instituições de Ensino Superior brasileiras. Claro que a simples instalação do curso é insuficiente: os cursos devem deixar de seguir a lógica de mercado e estarem voltados para a produção de futuros profissionais mais comprometidos com o desenvolvimento social e mais críticos da sociedade contraditória em que vivem. A Pedagogia, em particular, deve estar atenta no desenvolvimento de novas ferramentas de desenvolvimento da criança, na criação de espaços onde se desenvolva a crítica construtiva e se construa mais espaços de ação libertadora.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O curso de Pedagogia da UFT, campus Arraías, ao longo de toda a sua história, passa a ser um espaço de reflexão e transformação social, no qual os conceitos de potência produtiva, autoanálise e autogestão podem desempenhar um papel crucial na construção de uma Educação

mais inclusiva e antirracista – fatores imprescindíveis para lidar com o jogo de forças retrógradas que, periodicamente, permeiam a instituição, lutando pelo retrocesso.

O rompimento com o saber vigente é uma das saídas para o aprimoramento/desenvolvimento da profissão do pedagogo, sobretudo em áreas historicamente negligenciadas: entendendo o que já foi feito (com seus erros e acertos) e propondo novas perspectivas e, conseqüentemente, uma nova História para a Pedagogia. O campus de Arraias já mostrou o seu caráter revolucionário desde o momento de sua criação e, certamente, dependerá deste mesmo caráter, além de um espírito combativo, para a sua sobrevivência.

A ideia central proposta por Baremlitt é a busca constante por romper com formas instituídas/totalitárias de compreensão dos saberes; é o questionamento da hegemonia do pensamento científico tal como conhecemos, através do uso de teorias vindas das mais variadas áreas do conhecimento, dentre eles, da Pedagogia.

Importante aqui ressaltar a necessidade do desenvolvimento de profissionais capazes de formular uma pedagogia crítica na formação de professores, não só para o campus de Arraias, mas para os demais cursos de Pedagogia no Brasil, em função um cenário global de crescente ascensão da extrema-direita e do conservadorismo, além da adoção de políticas públicas voltadas para a Educação com viés estritamente neotecnicista, que contribuem para mitigar a autonomia tanto das escolas quanto dos professores.

As políticas de ações afirmativas, assim como as transformações geradas por elas no meio acadêmico, na gestão, na inserção de sujeitos pertencentes aos coletivos sociais diversos e tratados como desiguais em nossa sociedade permearam as análises, pois são parte da experiência de todos. Independentemente da “função” institucional (seja como docente, discente ou técnico) a divulgação do conhecimento, a troca de saberes da Pedagogia com as demais áreas do conhecimento é resultado da presença maciça e questionadora dos vários sujeitos envolvidos na Instituição, cujo direito de estar na universidade e em outros lugares hegemônicos da sociedade foi possibilitado pela implementação das ações afirmativas como política de Estado e, em especial, pela modalidade cotas raciais e sociais.

Obviamente que a simples presença ou o simples questionamento não são suficientes para lidar com o saber hegemônico e segregador dos dias atuais. É preciso que haja, como já mencionado, uma maior conscientização dos sujeitos da instituição: tanto na parte técnica, com assimilação de conteúdo, mas também de um denso senso crítico, capaz de fazer com que se perceba a perversidade do sistema educacional brasileiro e principalmente, entender de qual

lado se está no jogo de forças que está em curso, quando falamos dos mecanismos de poder que vigora nas Instituições de Ensino nos dias atuais.

Através da produção de conhecimento crítico, da reflexão sobre a identidade e do engajamento coletivo, e de uma dinâmica genuinamente dialógica dentro da instituição, os estudantes de Pedagogia podem (e ainda poderão) promover mudanças significativas no ambiente acadêmico, desafiando as estruturas de poder e criando um espaço mais justo e representativo para todos. Para que essa transformação seja consolidada, é necessário que a universidade, apesar de todo o massacre e precarização sofridos nos últimos tempos, tenha condições, na medida do possível, de amadurecer e ampliar os espaços de pesquisa acadêmica, continue a adotar políticas afirmativas, amplie a representatividade no corpo docente (sempre que necessário) e revise suas teorias e práticas pedagógicas, garantindo uma Educação que realmente promova a equidade e o desenvolvimento regional.

Apesar da fragilidade socioeconômica, da negligência histórica, do racismo institucional e dos contínuos boicotes, a potencialidade dos sujeitos que compõem a UFT Arraías, assim como o curso de Pedagogia, faz com que esta região, assim como a Universidade, se torne espaço bastante promissor do saber instituinte e libertador, dada a pujança de sua comunidade. Resta aguardar os próximos capítulos deste embate e saber qual setor deste jogo de (várias) forças será predominante.

## REFERÊNCIAS

CNPq. Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil – Lattes. Plano Tabular. Disponível. em: [http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta\\_parametrizada.jsf](http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf) . Acesso em 10 set. 2024.

BAREMBLYTT, G. *Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática*, 5ed., Belo Horizonte, MG: Instituto Felix Guattari. 2002.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Resumo Técnico: Censo da Educação Superior. Disponível. em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiMGJiMmNiNTAtOTY1OC00ZjUzLTg2OGUtMjAzYzNiYTA5YjliIiwidCI6IjZjczODk3LWM4YWVhNGIxZS05NzhmLWVhNGMwNzc0MzRiZiJ9&pageName=ReportSection4036c90b8a27b5f58f54> . Acesso em 10 set. 2024.

CORREIA, W.; BONFIM, C. Práxis pedagógica na filosofia de Paulo Freire: um estudo dos estádios da consciência. *Trilhas Filosóficas*, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 55–66, 2020. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RTF/article/view/1539> . Acesso em: 25 out. 2024.



DORNELES, Dandara Rodrigues. *O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*, de Nilma Lino Gomes Petrópolis. Cadernos de Pós-graduação, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 210–214, 2019. DOI: 10.5585/cpg.v18n1.10341.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

INSTITUTO SEMESP. Risco de apagão de professores no Brasil. Disponível em: <https://www.semesp.org.br/wp-content/uploads/2022/09/pesquisa-semesp-1.pdf>  
Acesso em: 15 set. 2024

MUNANGA, K. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira*. Tradução. Niterói: EDUFF, 2004. Disponível em: [https://biblio.fflch.usp.br/Munanga\\_K\\_UmaAbordagemConceitualDasNocoasDeRacaRacismoIdentidadeEEtnia.pdf](https://biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_UmaAbordagemConceitualDasNocoasDeRacaRacismoIdentidadeEEtnia.pdf). Acesso em: 06 set. 2024.

NOGUEIRA, S. G. *Libertação, descolonização e africanização da psicologia: breve introdução à psicologia africana*. São Carlos: EDUFSCar, 2020.

PEREIRA, W. C. C. *Movimento institucionalista: principais abordagens*. Estudos e Pesquisas em Psicologia, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 10–19, 2007.

SODRÉ, M. *O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. Pró-reitoria de Graduação (Prograd). Disponível em: <https://www.uft.edu.br/campus/arraias/cursos/graduacao/pedagogia> Acesso em: 14 set. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (Propesq) Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/gpu/> Acesso em: 14 set. 2024.

VALADÃO, E. B. *A inserção da Universidade Federal do Tocantins no Campus de Arraias/TO: conhecimento, oportunidade e inclusão social*. Curitiba: CRV, 2018.

**Submetido em:** 12 de janeiro de 2025.

**Aprovado em:** 10 de abril de 2025.

**Publicado em:** 02 de maio de 2025.